



ESUD | CIESUD 2016

Humanismo, Tecnologia e Políticas em EaD

ANAIIS

São João del-Rei, 12 a 15 de setembro

ESUD

XIII Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância

CIESUD

II Congresso Internacional de Educação Superior a Distância

ANAIS

ISSN – 2237-5996

12 a 15 de setembro de 2016

O emprego da metodologia "Peer Instruction" em uma disciplina de Prática de Ensino de Física na modalidade a distância	2227
Newton Figueiredo Aline Tiara Mota	
Formação de Mediadores para EaD: as contribuições concretas da Educomunicação	2236
Marciel Consani	
Ações formativas para a docência: buscando projetos de ensino inovador	2244
Ana Lucia Werneck Veiga Sebastião de Almeida Junior Adriana Rocha Bruno Lucia Helena Schuchter	
Uma análise acerca das concepções da EaD em projetos pedagógicos de cursos de pedagogia a distância	2254
Sarah Mendonça de Araújo Maria Teresa Meneses Freitas	
 <i>Trilha IV: Humanismo em EaD</i>	
Tutoria em EaD: Há formação para o exercício da prática?	2264
Francisca Pires Maria Calderano	
Humanismo e educação: a Educação a Distância proposta pela aula FAESA é um humanismo?	2279
Sandro Dau Shirley Dau	
O letramento digital e a Educação a Distância: potencialidades para a inclusão social	2292
Daniela de Oliveira Pereira	
Apresentação colaborativa na web: mediação no Moodle com o Prezi	2303
Marco Antonio Teixeira da Silva Amanda Monteiro Barreto Mariangela Diaz Arilise Lopes	
Interatividade e tutoria na prática pedagógica do ensino a distância	2318
Julio Candido de Meirelles Junior Alessandra dos Santos Simão Camyla D'Elyz do Amaral Meirelles	

FORMAÇÃO DE MEDIADORES PARA EAD: AS CONTRIBUIÇÕES CONCRETAS DA EDUCOMUNICAÇÃO

(***** *)

Universidade de São Paulo/ Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicações e Artes (CCA-ECA)/ *****@usp.br

Resumo – Este relato trata das possíveis contribuições que a Educomunicação pode oferecer nas abordagens conceitual e prática da Educação a Distância, (EaD) considerando, principalmente, a formação de mediadores no curso de Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP a qual, por sua vez, se alicerça em mais de uma década de projetos de extensão desenvolvidos junto ao poder público. Neste artigo, descreveremos brevemente os desafios e os aportes relativos à construção de um “pensamento educucomunicativo em EaD” e seus aspectos diferenciais. Para tanto, estabelecemos três instâncias de discussões, historicamente identificadas como “ (1) incompatibilidade programática”, (2) “convergência paradigmática” e (3) “perspectivas para uma práxis renovada”. Ao final, esperamos contribuir para novos enquadramentos epistemológicos que possam incrementar o alcance e a profundidade da abordagem online na educação.

Palavras-chave: Formação de educadores, educação online, mediação, educomunicação¹, práxis.

Abstract – This report deals with the possible contributions that Educommunication can offer to concepts and practices framework in Distance Learning (EAD). We considered mainly the training of mediators in the Bachelor's Degree in Educational Communication of ECA / USP, wich is founded on more than one decade of academic outreach projects developed with the government. In this article, we briefly describe the challenges and contributions for the construction of a "educucomunicativo thought in distance education" and their distinguishing features. Therefore, we have established three levels of discussion, historically identified as "(1) programmatic incompatibility" (2) "paradigmatic convergence" and (3) "prospects for a renewed praxis." At the end, we hope to contribute to new epistemological frameworks that can increase the range and depth of the online approach in education..

Keywords: Teach training, online education, mediation, educommunication, praxis.

Introdução

Nossa experiência docente na disciplina Procedimentos Educomunicativos na Educação a Distância da Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP,² começou logo depois da aprovação em concurso regular para aquela função, no segundo semestre de 2013. Logo nas primeiras aulas, foi possível notar que enfrentaríamos, de imediato, três grandes desafios (1) a readequação da ementa, (2) a atualização do quadro referencial teórico e (3) a opinião da maioria dos alunos a respeito da EaD.

As ementas davam uma ideia clara de que os dois semestres em que a disciplina é oferecida sob as siglas CCA0304 e CCA0305³ se constituíam — ou deveriam se constituir — em etapas distintas e sucessivas de um mesmo desenvolvimento temático. Assim, a distribuição dos temas nas ementas originais parecia remeter a uma introdução mais “tecnológica” da EaD, seguida por um dimensionamento mais “educativo” da mesma, assinalando uma dicotomia, no mínimo, problemática.

Já o referencial teórico, expresso nas referências bibliográficas, pareceu confirmar nossa suspeita de haver, efetivamente, um enfoque bipartido, na medida em que a lista extensa e variada de autores e obras, ainda que relativamente atualizada, também não promovia uma aproximação visível entre as áreas de EaD e da EC (educomunicação). Dito de outra forma, haviam obras específicas da área de EC que não mencionavam as questões da EaD intercaladas com textos e obras “clássicas” que tratavam da educação a distância por um viés apartado do universo de temas que norteia os educadores.

Por fim, ao colher as primeiras opiniões que os alunos exteriorizavam, foi possível detectar, em muitos deles, um desconhecimento vivencial da EaD associado ao que podemos chamar de uma “rejeição prévia” — em suma, um preconceito — contra os cursos virtuais em geral. Este conceito desfavorável apontava, por vezes, uma oposição mercado *versus* democratização da comunicação, intrinsecamente identificados com a EaD e com a EC, respectivamente.

O relato aqui apresentado tenta expor a trajetória de reconstrução epistemológica das disciplinas que opera como um intercâmbio de duas vias: (1) a introdução efetiva da educação online e suas questões no rol de temas abarcado pela educomunicação (principalmente no âmbito do NCE-CCA⁴) e (2) uma

² Trata-se de um curso de oito semestres destinado a formar um profissional da Comunicação com expertise para atuar em contextos educativos. A grade curricular do curso está disponível em <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=27&codcur=27570&codhab=4&tip o=N>. Aprofundaremos o conceito da educomunicação ao longo de nosso texto.

³ Que correspondem, respectivamente, aos Procedimentos Educomunicativos nem Educação a Distância I e II.

⁴ O Núcleo de Comunicação e Educação é uma instância de extensão acadêmica ligada ao departamento de comunicação da ECA/USP.

contextualização da práxis educomunicativa para o estado-de-arte da EaD.

A estrutura de nosso texto procurará conduzir esta discussão apoiada em três patamares, que correspondem às seções na quais ele está dividido. Na primeira seção trataremos das discrepâncias que pudemos inicialmente identificar (aqui chamadas de “ontológicas”) entre a EaD e a educomunicação. Na segunda, abordaremos os esforços para aproximar o universo conceitual e as práticas correntes das duas áreas de estudo como um trabalho de reconstrução epistemológica da disciplina. Na terceira parte, o foco recairá sobre os desenvolvimentos que têm lugar na atualidade e que apontam para uma apropriação crítica e efetiva das estratégias de educação online no âmbito das práticas educomunicativas.

Por fim, assinalaremos alguns vieses pelos quais este artigo poderá ser lido no tópico das considerações finais.

1 A divergência histórica Educomunicação x EaD: uma incompatibilidade programática?

No âmbito do curso de Licenciatura em Educomunicação, o ponto de partida das discussões foi, desde o começo, o conflito ideológico inerente à própria ontologia da EaD, na medida em que ela se afasta radicalmente da maior parte dos princípios e demandas da Educomunicação.

Segundo Anderson & Dron (2012, p.120)

Dada a necessidade de a educação a distância ser mediada tecnologicamente, a fim de cobrir a distância geográfica e muitas vezes temporal entre alunos, professores e instituições, é comum pensar em desenvolvimentos ou gerações de educação a distância em função da tecnologia utilizada para abranger essas distâncias.

Assim, a história da EaD tem a ver com a escola, ou melhor, com a falta (ausência ou insuficiência) de estruturas escolares que dessem conta da oferta de ensino formal em contextos desfavoráveis no mais das vezes, concentrações populacionais em áreas desprovidas de organização urbana. Assim, o que se buscou, com a criação de estratégias para ensinar/aprender a distância foi, durante muito tempo, um sucedâneo da escola “ideal”, normalmente entendida como aquela que se organiza com base em salas de aula, professores, secretarias e espaços de convivência. Tal estrutura escolar seria emulada em diversas “gerações” pelo correio, rádio, TV, computador e internet, isto é, a tecnologia comunicacional e informacional mais disseminada em cada período histórico.

Por sua vez, os estudantes que procuram a formação a distância, o fariam, nos séculos XIX e XX, para atender as necessidades de mão-de-obra especializada de uma sociedade industrial em expansão. Dado o fato de que este modelo técnico e universitário se consolidou no hemisfério norte, entre cidadãos letrados, fica a impressão de um “ruído comunicacional” quando tentamos transportar esta linha evolutiva para o contexto brasileiro: entre nós, não seria exato dizer que os volume de

estudantes formados a distância foi significativo antes do advento da Internet.

Este descompasso poderia indicar, no mínimo, que queimamos etapas na consolidação de uma “doutrina” para a EaD no Brasil, a qual implicaria no desenvolvimento integrado de uma pedagogia (diretrizes curriculares, tópicos de formação docente), uma legislação (marco legal atualizado) e de um mercado (oferta de vagas, custo-benefício acessível ao estudante). Ao que tudo indica, estas demandas começaram a ser atendidas com muito atraso e numa escala que, ainda hoje, peca pela incipiência.

Não é à toa, portanto, que a expressão EaD evocasse, na memória dos educadores, a imagem de cursos ligeiros, auto instrucionais e voltados para treinamentos e capacitações — mas não para uma formação integral como aquela à qual a EC aspira.

Por outro lado, a narrativa histórica educacional, mercê de seu contexto de origem latino-americano, emerge da luta para combater as desigualdades sociais por meio da democratização dos *media* ainda nos longínquos anos 1970.

Nos dias de hoje, Soares expressa bem esta filiação ideológica afirmando que

Estamos assim, (...) diante de um processo, de um *modus operandi* capaz de inaugurar posturas teóricas e práticas que se situam para além das tradicionais paredes paradigmáticas, reconceitualizando a relação entre comunicação e educação e direcionando-a para uma educação cidadã emancipatória. O que esperamos é que seja forte para romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada meramente ao consumo (SOARES, 2011b, p. 25).

Esta passagem ecoa a fala de educadores pioneiros como Kaplún (2011), já nos domínios da cibercultura⁵, expressou de um modo bem incisivo seus temores sobre o uso instrumental da EaD

Há duas perguntas para as quais a EaD, e seu modelo hegemônico, não dá resposta, nem sequer formula. Uma: com quem se comunica (...) este navegante solitário do conhecimento (...). A outra: que canais o sistema coloca à disposição para que o estudante exercite sua própria expressão? (KAPLUN, 2011, p.180).

Mesmo sem conseguirmos, neste espaço exíguo, demonstrar todas as nuances conflituosas que detectamos na prática docente envolvendo EaD na EC, nos parece claro que estas discrepâncias serviriam como um ponto de partida para a reconstrução crítica do que chamamos aqui de “pensamento educacional em EaD”. Neste contexto, tais conflitos, ainda que impossíveis de se ignorar, não são necessariamente irreconciliáveis, dado que ambas a abordagem tem em comum o fato de serem respostas historicamente construídas para demandas agudas no campo da educação. Ressalve-se o fato de considerarmos, aqui, a EaD como uma abordagem referenciada na didática com escopo diferenciado da EC a qual consideramos uma abordagem com dimensões (ou pretensões) pedagógicas.

⁵ O texto aqui citado foi publicado, originalmente, na Revista Comunicação & Educação (ECA-USP) em 1998.

2. Novos desafios e novas respostas: a era da convergência paradigmática

Nos dias de hoje, EaD e EC se encontram, ambas, profundamente afetadas pela disseminação das redes sociais digitais alavancada pela consolidação dos dispositivos móveis como plataformas comunicativas dominantes. Estes seriam dois dos muitos fatores que direcionam ambas as abordagens educacionais para uma trajetória convergente, num panorama de indivíduos pertencentes a classes sociais distintas, mas com possibilidade de acesso interativo à Internet.

Entretanto, o diferencial permanentemente invocado pela EC é o fato de que ela não está atrelada a necessidades tecnológicas ou linguagens midiáticas específicas. Na verdade, ela busca resgatar o que há de essencial na comunicação humana, recorrendo ao diálogo e à imagem articulados com base em qualquer tecnologia ou mídia disponível.

Ainda no que tange às convergências, um outro fenômeno muito importante é representado pela transformação social da escola, quando esta perde o monopólio de único espaço educativo legítimo. Se de um lado, outras instituições não-escolares — tais como igrejas, sindicatos e ONGs, entre outros — continuam assumindo a função de educar, de outro, a instância midiática vem assumindo grande preponderância como expressão da cultura e integrador social.

Não seria exagero dizer que a educação, como campo, e em poucos séculos, migrou das esferas não-formais (notadamente, das igrejas) para a formalidade da escola “positivista” para mergulhar, recentemente, numa esfera de informalidade crescente centralizada nos media.

Por fim, a conjugação dos dois fatores mencionados veio ao encontro de um novo tipo de estudante, volitivo, independente e empoderado, isto é, um protagonista em todos os sentidos.

O conjunto dessas tendências que, até há pouco, não exibia poder suficiente para mudar o paradigma educacional da “era das redes”, adquire uma nova configuração que pode muito bem indicar um ponto sem retorno. Não sabemos o que será, exatamente, a educação do futuro, mas temos certeza de que ela será muito diferente da escola dos séculos passados e até mesmo daquela que atende por este nome nos dias de hoje.

Neste cenário em construção e ainda prenhe de incertezas, podemos aproximar as tendências contemporâneas da EaD — alicerçado na sucessão de tecnologias, mas também de hábitos sociais — com o posicionamento ideológico transformador sustentado pela EC, o qual não abre mão da leitura crítica da mídia e da produção participativa de conteúdos comunicacionais. Este pensamento é o que justifica e orienta a formação de quadros, a extensão e a pesquisa referenciados na Licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA/USP.

Na sequência, mencionaremos alguns pontos de destaque que emergem na interface entre EC e EaD.

3. Perspectivas para uma práxis renovada

Tomemos a seguinte definição para apresentar os componentes de um sistema EaD operacional:

(1) uma fonte de conhecimento a ser ensinado e aprendido; (2) um subsistema estruturante deste conhecimento, na forma de materiais e atividades para os alunos (curso); (3) outro subsistema que transmite o curso para os alunos; (4) professores que interagem com os alunos e os conteúdos atividades dos cursos; (5) alunos, em seus distintos ambientes; (6) um subsistema de controle e avaliação e (7) uma organização administrativa para gerir todos estes subsistemas. (Adaptado de MOORE & KEARSLEY, 2008).

Da mesma forma que esta lógica sistêmica nos ajuda a definir, inequivocamente, o que é um contexto EaD, entendemos que é cada vez mais importante refletir sobre o que ele pode vir a ser, deslocando o foco da educação, de seus aspectos organizacionais para aqueles de natureza relacional.

Este raciocínio já foi enunciado por autores como TORI (2010), os quais, inclusive, propõe designações alternativas à “Educação a Distância”, por entender que o fator *distância* não é deve ser o determinante de um tipo de educação, já que ele é justamente aquele que temos a intenção de eliminar.

Sem abrir mão de sistematizar as estratégias de gestão (planejamento/acompanhamento/avaliação) nos contextos online, a preocupação dos educadores se volta para o potencial democratizante e crítico que pode ser explorado nas interações ditas “não-presenciais”.

Assim, para além dos temores enunciados por Kaplún no passado e o relativo ineditismo de projetos EaD concebidos sob o paradigma da educação, já podemos sistematizar uma série de aspectos evidencia a convergência à qual nos referimos anteriormente. Vamos a elas

3.1. Identificação das demandas

A base de todo curso a distância educativo é o atendimento às demandas com foco na sociedade, principalmente nos estudantes e possíveis beneficiários que se encontram em contextos de exclusão e desempoderamento.

As propostas de construção de cursos devem buscar, no mais das vezes, iniciativas que atendam ao desenvolvimento sustentável de comunidades e ao estabelecimento de redes de comunicação democráticas dentro e fora do ciberespaço.

3.2 Mediação

Na educação online, os processos de mediação são desenvolvidos usualmente por tutores, que estabelecem uma dinâmica de interações entre os estudantes e os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs).

Do ponto de vista da educação, não basta que o mediador seja um

“cumpridor de rotinas”, ainda que atencioso e eficiente: ele deve dominar a leitura crítica e estimular permanentemente os estudantes a desconstruírem e reconstruírem o discurso hegemônico advertindo que informação *não* é sinônimo de conhecimento e, muito menos, de saber significativo.

3.3 Fortalecimento de Ecossistemas Educomunicativos online

A noção de Ecossistema Comunicativo, definido como “um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social” (Soares, 2011, p. 44) pode ser transposta facilmente para os ambientes virtuais de aprendizagem.

Numa dinâmica interativa online, a base de um curso EaD seria a Comunidade Virtual de Aprendizagem, na medida em que esta favorece as trocas horizontais e dialógicas de informações tanto quanto a construção coletiva e colaborativa de novos conhecimentos, re-semantizados a partir do contexto de cada estudante.

3.4 Estabelecimento de estratégias para Gestão Compartilhada

Indo ainda mais longe, a Gestão da Comunicação nos espaços educativos, tida como uma das vertentes mais importantes da Educomunicação, insiste na estratégia de interação horizontal e dialógica do grupo.

A rigor, se um curso online pode ser avaliado dentro de uma ótica mais ou menos auto instrucional do ponto de vista educomunicativo, o estabelecimento de uma rede de relações entre pessoas ainda é considerado condição *sine qua non* para qualquer desenvolvimento pedagógico.

3.5 Produção colaborativa de conteúdos

Se nos primeiros cursos a distância, o conteúdo, corporificado nos materiais didáticos, era a essência da aula e a base de todo o processo pedagógico desenvolvido; nos dias de hoje, marcados por um acesso supostamente ilimitado à informação, não existe razão para reproduzirmos, pura e simplesmente, as informações que circulam à guisa de “commodities do conhecimento”.

Empoderar o estudante, dando a ele conhecimento e orientando-o a buscar condições que lhe permitam escrever seus próprios textos midiáticos é uma estratégia básica na práxis educomunicativa.

Considerações Finais

Este breve relato sintetiza ao máximo o esforço que vimos empreendendo para construir uma visão renovada e contemporânea da EaD em consonância com uma educação humanista e democrática.

Neste viés, a visão educomunicativa não procura se impor como uma solução milagrosa e autóctone para questões que foram historicamente construídas em torno

da EaD e da própria pedagogia ao longo de muitos anos: nossa tentativa é a de estabelecer pontes interdisciplinares que estendam o alcance da dita sociedade de conhecimento para além dos contextos privilegiados e em sintonia com as novas formas de relação humana que estão surgindo e ainda surgirão.

Referências

- ANDERSON T. & DRON, J. Três Gerações da Pedagogia de Educação a Distância. Revista EaD em Foco, Rio de Janeiro, Nov/2012.
- CONSANI, M. A. Mediação tecnológica na Educação: Conceito e Aplicações. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Ciências da Comunicação do CCA-ECA/USP, São Paulo, 2008.
- KAPLÚN, M.. Processos Educativos e Canais de Comunicação. In CITELLI & COSTA. *Comunicação, construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo, Paulinas, 2011 (p.175-186).
- MOORE, M. E KEARSLEY, G. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo, Cengage, 2008.
- SOARES, Ismar de O. Educomunicação, o Conceito, o Profissional, a Aplicação. São Paulo, Paulinas, 2011.
- TORI, R. Educação sem Distância. São Paulo, SENAC, 2010. (p.58-71).